

**MEDO, SILÊNCIO E RESISTÊNCIA: EXPERIÊNCIAS DE JOVENS GAYS NO
PROCESSO DE REVELAÇÃO SOCIAL DA HOMOSSEXUALIDADE**

***MIEDO, SILENCIO Y RESISTENCIA: EXPERIENCIAS DE JÓVENES GAYS EN EL
PROCESO DE REVELACIÓN SOCIAL DE LA HOMOSEXUALIDAD***

***FEAR, SILENCE, AND RESISTANCE: YOUNG GAY MEN'S EXPERIENCES IN THE
PROCESS OF THE SOCIAL DISCLOSURE OF HOMOSEXUALITY***



Edson Luiz DEFENDI¹

e-mail: edsondefendi@gmail.com



Rosane Mantilla de SOUZA²

e-mail: rosane@pucsp.br

Como referenciar este artigo:

Defendi, E. L., & Souza, R. M. (2026). Medo, silêncio e resistência: experiências de jovens gays no processo de revelação social da homossexualidade. *Doxa: Rev. Bras. Psico. e Educ.*, 27(esp1), e026022. <https://doi.org/10.30715/doxa.v27iesp.1.21469>



Submetido em: 27/05/2026

Revisões requeridas em: 15/06/2026

Aprovado em: 08/07/2026

Publicado em: 10/09/2026

Editor: Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro
Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), São Caetano do Sul – São Paulo (SP) – Brasil. Doutor em Psicologia Clínica (PUC-SP). Professor da Universidade Municipal de São Caetano do Sul.

² Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo – São Paulo (SP) – Brasil. Doutora em Psicologia Clínica (PUC-SP). Professora Titular e Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica (PUC-SP).

RESUMO: Jovens gays masculinos enfrentam desafios específicos no seu desenvolvimento pessoal quanto a reconhecer, aceitar e revelar socialmente sua orientação afetivo-sexual homoafetiva. Com o objetivo de compreender esses desafios, realizou-se uma pesquisa qualitativo-descritiva, por meio de um Grupo Focal, com sete jovens gays masculinos, com idade entre 18 e 24 anos, residentes na região metropolitana da cidade de São Paulo. Os resultados apontaram o sentimento de medo e o silenciamento como denominador comum nas experiências do processo de revelação social para diferentes contextos sociais. Revelar a homossexualidade exige constante análise e reflexão, e o maior desafio permanece sendo a revelação para a família de origem, com medo de rejeição e violência. Concluiu-se que o processo de revelação social para essa população específica é cercado de muitos riscos, mas são experiências de resistência e proteção, contribuindo para amortecer os estressores psicossociais e conferindo maior qualidade de vida aos jovens nos relacionamentos interpessoais.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude. Homossexualidade masculina. Revelação. Medo. Família.

RESUMEN: Los jóvenes homosexuales enfrentan desafíos específicos en su desarrollo personal al reconocer, aceptar y revelar socialmente su orientación afectivo-sexual homoafectiva. Con el objetivo de comprender estos desafíos, se realizó una investigación cualitativo-descriptiva mediante un Grupo Focal con siete jóvenes homosexuales, de entre 18 y 24 años, residentes en la región metropolitana de São Paulo. Los resultados señalaron el miedo y el silenciamiento como denominadores comunes en las experiencias del proceso de revelación social en distintos contextos sociales. Revelar la homosexualidad exige un análisis y una reflexión constantes, y el mayor desafío sigue siendo la revelación a la familia de origen, debido al miedo al rechazo y a la violencia. Se concluyó que el proceso de revelación social para esta población específica está rodeado de numerosos riesgos, pero también constituye experiencias de resistencia y protección que ayudan a amortiguar los estresores psicossociales y contribuyen a una mayor calidad de vida en las relaciones interpersonales de estos jóvenes.

PALABRAS CLAVE: Juventud. Homosexualidad masculina. Revelación. Miedo. Familia.

ABSTRACT: Young gay men face specific challenges in their personal development when it comes to recognizing, accepting, and socially disclosing their homoafective sexual orientation. Aiming to understand these challenges, a qualitative descriptive study was conducted using a Focus Group with seven young gay men, aged 18 to 24, living in the metropolitan region of São Paulo. The results revealed fear and silencing as common denominators in their experiences of social disclosure across different social contexts. Coming out as homosexual requires constant analysis and reflection, and the greatest challenge remains disclosure to the family of origin, driven by fear of rejection and violence. It was concluded that the process of social disclosure for this specific population is surrounded by many risks, yet these experiences also function as acts of resistance and protection, helping to buffer psychosocial stressors and contributing to greater quality of life in the interpersonal relationships of these young men.

KEYWORDS: Youth. Male homosexuality. Disclosure. Fear. Family.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo compreender a experiência de jovens gays masculinos associados aos desafios no processo de revelação social da homossexualidade.

Apesar de avanços e mudanças legais, sociais e culturais que vêm beneficiando positivamente jovens homossexuais e outras identidades da comunidade LGBTQIAPN+ no que diz respeito à maior tolerância quanto à percepção de sua identidade e orientação homoafetiva e do processo da revelação social (Quinalha et al., 2024), nota-se um recrudescimento da LGBTfobia e a necessidade de maior produção de conhecimento para compreender os impactos desse fenômeno junto à saúde mental desta população.

Segundo Defendi e El Khouri (2021), o processo de revelação social da homossexualidade tem sido apontado como um dos maiores desafios para jovens gays, sendo entendido como um processo que movimenta um conjunto de medos, expressos em sofrimentos psíquicos e incertezas relativas às mudanças que possam acontecer no ambiente familiar, escolar, de trabalho e social, receio de perdas afetivas valiosas e de situações de discriminação, isolamento e violência, ou seja, segundo Braga et al. (2018), um rito de passagem fundamental para autopercepção da orientação afetiva homossexual que envolve riscos e cálculos.

Defendi (2019) informa que o processo de revelação social uma é uma realidade que permeia a vida de jovens gays e que representa importante passo para o autorreconhecimento e a construção de uma identidade positiva, no qual a pessoa compartilha sua orientação afetiva sexual e desejos com outras pessoas (familiares, amigos, colegas de trabalho ou estranhos), tornando-se cada vez mais visível socialmente como uma pessoa LGBTI+.

Savin-Williams (2016) descreve que adolescentes e jovens homossexuais enfrentam duas importantes tarefas em seu processo de desenvolvimento psicossocial. A primeira está relacionada a se reconhecer e se perceber homossexual, e a segunda refere-se a contar ou revelar para as pessoas seus desejos homoeróticos, orientação e experiências afetivas e sexuais, compartilhando essas informações com sua rede pessoal e social. É muito comum que jovens e adolescentes homossexuais sintam-se diferentes de outros pares de sua idade. Podem se sentir isolados e com dificuldade de dividir e compartilhar sentimentos que, em um primeiro momento, podem ser muito confusos e sofridos.

Além de enfrentarem a homofobia internalizada (Antunes, 2016), desconstruindo psicologicamente crenças, regras, valores e normas que valorizam formas hegemônicas de viver e de se relacionar afetiva e sexualmente, o risco da revelação social da homossexualidade pode

implicar em perdas relacionais valiosas e situações de violência físicas e psicológicas (Defendi, 2022).

No que concerne às questões de violência, desde 2023, o *Atlas da Violência IPEA 2023* (Cerqueira & Bueno, 2023) vem demonstrando que pessoas LGBTI+ sofrem taxas elevadas de violência psicológica, forma de agressão típica do ambiente doméstico e frequentemente invisibilizada nos registros oficiais, devido à subnotificação e à ausência de padronização na coleta de dados, principalmente quando as violências ocorrem no âmbito familiar (Cerqueira & Bueno, 2025), tendência essa reforçada em estudos anteriores, como a análise de Vasconcelos et al. (2023) sobre a *Pesquisa Nacional de Saúde 2019*, que demonstra que pessoas LGBTI+ têm probabilidade mais que dobrada de sofrer violência em comparação com pessoas heterossexuais, com predominância de agressões psicológicas e sexuais, muitas delas ocorrendo em espaços privados e domésticos, apontando que homens jovens gays têm quase oito vezes mais chances de sofrer violência física e sexual.

Mesmo cercada de riscos e violências, a revelação social se configura como um processo de grande importância no processo de desenvolvimento de pessoas LGBTI+, contribuindo imensamente para seu desenvolvimento psicossocial, pois confere sentimento de pertença, produzindo confiança para construção de suas identidades, desejos e orientação afetiva sexual (Guittar, 2014; Savin-Willians, 2016).

Deve-se considerar ainda que a experiência e a revelação da homossexualidade para homens gays estão associadas à lógica da construção de gênero, e, no caso da homossexualidade masculina, subvertem e ferem a lógica das condições de poder subjacentes à masculinidade.

Maciel Júnior (2013, 2022) discute como ‘ser’ e ‘tornar-se’ homem na sociedade impõe aos homens uma série de pré-requisitos sobre o que define a verdadeira masculinidade: condições e características associadas à força, resistência, competência física e heterossexualidade compulsória definem o ser masculino e sua posição hegemônica nas relações sociais. Ainda segundo o autor, os comportamentos e atitudes que destoam as prescrições sociais de gênero e que definem as masculinidades influenciam a construção do ser masculino para homens homossexuais, que também foram socializados dentro de regras e lógicas do ser masculino, que, em nossa cultura, apresentam uma enorme relação com a heterossexualidade.

Desta forma, os homens são pressionados social e psicologicamente a afirmarem a masculinidade e a escamotearem condições que não sejam culturalmente estabelecidas como masculinas, sendo que isto pode gerar confusão e conflitos para jovens gays, seja referente à

construção de sua identidade masculina, seja no medo da violência e discriminação social ao exporem, divulgarem ou revelarem socialmente sua orientação afetiva sexual. Essa lógica produz muito preconceito e violência voltados para homens homossexuais afeminados, por exemplo, pois estes se assemelham a características associados ao feminino em seu jeito de se relacionar e de viver, encontrando, inclusive, segundo Defendi (2022), Trevisan (2018) e Nunan (2010), muito preconceito e violência dentro da própria comunidade LGBTI+.

Segundo Defendi e El Khouri (2021), a revelação da homossexualidade para a família de origem representa um dos maiores desafios para jovens gays. O risco de a situação resvalar para um segredo aberto, possibilidades de afastamento e ambiguidades relacionais importantes podem surgir. Diferentemente de outros grupos minorizados que são discriminados por questões étnico-raciais e/ou religiosas, jovens gays, em sua imensa maioria, são filhos/as de famílias heterossexuais, revelando um preconceito vertical, ou seja, ao invés de proteção e acolhimento, a violência e o preconceito podem surgir nas relações intrafamiliares.

De acordo com Moura et al. (2023), em uma revisão integrativa sobre violência doméstica e pessoas LGBTI+, a família é um dos primeiros e mais intensos espaços de violência para jovens gays e outros jovens da comunidade LGBTI+. A violência psicológica é justamente a forma mais típica de violência familiar: humilhações, ameaças, expulsão de casa, vigilância excessiva, coerção moral e religiosa produzem grande vulnerabilidade à saúde física e mental desses jovens, indicando que, nessa realidade, segundo Singh et al. (2015), jovens gays têm maior probabilidade de desenvolvimento de problemas psicológicos e psiquiátricos; abuso de álcool e drogas; ideação e pensamentos suicidas — e o próprio suicídio; discriminação e violência social, familiar e escolar; homicídios por crimes de ódio e homofobia; e maior vulnerabilidade a contrair infecções sexualmente transmissíveis.

Nesse sentido, as redes de apoio pessoal/social, sejam elas presenciais ou *on-line* (Souza & Defendi, 2021), são fundamentais no processo de revelação social para jovens gays. Freitas et al. (2017) revelaram que os mecanismos de proteção psicossociais e estratégias de enfrentamento utilizados por esses jovens podem ser categorizados em níveis pessoais, relacionais e contextuais, sendo promotores do desenvolvimento de habilidades pessoais na presença de riscos e vulnerabilidades.

O apoio e o acolhimento de familiares e outros grupos sociais são considerados de extrema importância para homossexuais jovens, porém, o reflexo da revelação da homossexualidade para familiares reveste-se de situações bastante complexas, oscilando entre atitudes de compreensão até situações de extrema rejeição, pois os familiares necessitam revisar

as expectativas sobre seu filho homossexual, e não obstante sentem-se confusos e culpados, tendem a se distanciar, negar a situação, podendo enfraquecer possibilidades de apoio e suporte (Nascimento & Scorsolini-Comin, 2018).

Portanto, investigar processos de revelação social da homossexualidade no universo de jovens gays reveste-se de extrema importância para expandir o conhecimento de estressores específicos experimentados por esse grupo, promovendo práticas e intervenções psicoeducacionais e clínicas mais contextualizadas e assertivas, o que norteou a pesquisa realizada, diferenciando essa investigação de outras já existentes pelo contexto e origem dos participantes da pesquisa e oportunidade de debaterem a temática por intermédio do grupo focal.

MÉTODO

Trata-se de uma pesquisa qualitativa-descritiva, que buscou compreender o referido fenômeno de forma multidimensional e complexa, enfatizando a natureza socialmente construída da realidade (Denzin & Lincoln, 2006). A estratégia metodológica foi a do Grupo Focal, por privilegiar a interação entre os participantes, oportunizando a troca, criando um ambiente favorável à discussão e propiciando a manifestação de percepções, pontos de vista e sentimentos.

Participantes

Participaram desta pesquisa 7 (sete) jovens gays masculinos, com idade entre 18 e 24 anos, provenientes de camadas médias da população, residentes na Região Metropolitana da cidade de São Paulo. Todos os participantes atenderam aos critérios de inclusão da pesquisa, assim definidos: ser homem cisgênero; declarar-se homossexual; ter mais de 18 e menos de 25 anos; e ter experimentado situações de revelação social de sua homossexualidade em seus relacionamentos interpessoais.

Para garantir o sigilo e o anonimato dos participantes, em conformidade com as diretrizes éticas e a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), todos os nomes apresentados no decorrer deste artigo e nas transcrições são pseudônimos (nomes fictícios).

Instrumentos

Utilizou-se uma ficha de identificação preenchida pelos jovens, que buscou informações como: nome completo, data e local de nascimento, estado civil, escolaridade, endereço, ocupação principal; com que idade começou a perceber a homossexualidade: se possui perfil nas redes sociais e, em caso afirmativo, em quais; se está vivendo um relacionamento amoroso e, em caso afirmativo, há quanto tempo.

Os temas principais discutidos no Grupo Focal foram apresentados em forma de perguntas, a saber:

- 1) Quais são os desafios para você assumir e revelar sua orientação sexual?
- 2) Como foi e como têm sido essas experiências para você? Com o que você se deparou e tem se deparado?

Procedimentos

Os participantes foram recrutados por intermédio de mensagens em redes sociais, principalmente o Facebook, em páginas específicas direcionadas a jovens gays. Após recebimento do contato do jovem interessado em participar da pesquisa, realizou-se o contato direto, via ligação telefônica, a fim de explicar com mais detalhes os procedimentos e informá-lo sobre data, local e horário da realização do Grupo Focal. Ao receber o aceite para a participação, o jovem foi incluído em um grupo no WhatsApp, administrado pelo pesquisador, com objetivo de agilizar a transmissão de informações e dirimir possíveis dúvidas.

Ao todo, foram recrutados 11 jovens que aceitaram participar do encontro, sendo que quatro não compareceram. Desses, três justificaram a ausência no dia do encontro e apenas um jovem não justificou sua ausência. Assim, o Grupo Focal ficou composto por sete participantes.

O encontro foi realizado em um local exclusivamente reservado para essa finalidade, um espaço confortável e acessível, garantindo sigilo. Também integraram a equipe de pesquisa duas jovens, sendo uma psicóloga e outra estudante, que tinham o papel de apoiar o pesquisador na realização do procedimento, que foi filmado e gravado na íntegra.

Após realizadas as devidas apresentações pelos próprios participantes, deu-se início ao grupo. O pesquisador informou novamente sobre os objetivos da pesquisa, agradeceu a participação de todos, leu em voz alta e solicitou a assinatura de cada um dos participantes no

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)³, obedecendo às diretrizes das Resoluções nº 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde. Dado o consentimento, o pesquisador entregou a ficha de identificação para que todos a preenchessem.

Após o preenchimento da ficha de identificação, foi entregue a cada participante uma caneta e duas folhas de um bloco de notas autoadesivas estilo *post-it* no tamanho 76 mm x 102 mm. Solicitou-se, então, que cada um escrevesse no bloco sua resposta para a primeira pergunta disparadora da discussão no grupo. Após os participantes escreverem suas respostas, recolheu-se as anotações, que foram fixadas em um *flip chart*. O pesquisador leu em voz alta as respostas e, a partir daí, iniciou-se a discussão e o debate sobre os temas. Todos os jovens puderam falar sobre seus desafios e experiências e a discussão fluiu de forma espontânea.

O material filmado foi transcrito na íntegra e o vídeo completo do procedimento foi assistido diversas vezes pelo pesquisador para a realização da análise temática, na qual se utilizou trechos das falas dos participantes ilustrando a análise. As categorias temáticas foram construídas por meio de uma análise reflexiva e sistemática, seguindo Braun e Clarke (2006), que envolveu a codificação inicial dos dados, a busca por padrões de sentido e a organização desses padrões em temas coerentes e representativos do conjunto analisado, estratégias essas para garantir a confiabilidade e o rigor interpretativo da análise qualitativa.

RESULTADOS

Tratou-se de um grupo com características semelhantes, cujos dados de identificação se encontram na Tabela 1. Todos se declararam solteiros, com educação de nível superior completa ou incompleta, provenientes da Cidade ou Estado de São Paulo, ou de estado vizinho. Apenas Carlos⁴ mora junto com um companheiro. Os demais vivem com os pais ou em repúblicas estudantis. Embora tenha se buscado delimitar a faixa etária até 25 anos, a idade máxima obtida foi 24 anos em apenas um dos jovens. A proximidade de faixa etária dos participantes, no entanto, não se refletiu na idade em que cada um se percebeu homossexual. Tal percepção variou dos 8 até os 15 anos. Ao se considerar a idade atual do participante, já transcorreram no mínimo 4 anos desde a tomada de consciência da orientação sexual.

³ Projeto de pesquisa aprovado pelo Comitê de Ética da PUC-SP. Parecer Consubstanciado nº 2.626.043, de 27 de abril de 2018. CAAE nº 86084818.8.0000.5482.

⁴ Foram utilizados nomes fictícios para garantir o sigilo dos participantes.

Tabela 1.*Identificação e dados dos participantes*

Nome	Idade	Estado civil	Escolaridade	Ocupação	Com qual idade se percebeu homossexual?
Antonio	18	Solteiro	Superior incompleto	Estudante	13/14 anos
Bernardo	22	Solteiro	Superior completo	Professor	10/12 anos
Carlos	22	Solteiro	Superior incompleto	Editor	10 anos
Daniel	24	Solteiro	Superior incompleto	Estagiário	15 anos
Elton	22	Solteiro	Superior incompleto	Estudante	8 anos
Fabio	21	Solteiro	Superior incompleto	Estagiário	11 anos
Gael	18	Solteiro	Superior incompleto	Estudante	13/14 anos

Nota. Elaboração própria (2026).

Quanto à vivência de um relacionamento amoroso, além de Carlos, que, como já foi mencionado, coabita com um companheiro, Fabio também declara estar em um relacionamento amoroso atualmente, sendo o tempo de relacionamento de ambos, respectivamente, 1 ano e 10 meses e quatro meses. Antonio não está vivendo um relacionamento amoroso no momento, porém declarou um relacionamento prévio com seis meses de duração. Carlos, Daniel, Elton e Gael declararam que não estão vivendo um relacionamento no momento, e não explicitaram se já viveram.

Portanto, guardadas as semelhanças etárias, de proveniência, econômicas e educacionais, obteve-se uma diversidade de idade de tomada de consciência da orientação sexual e de experiência relacional-amorosa entre os participantes.

O Quadro 1 apresenta as respostas obtidas à primeira pergunta disparadora do Grupo Focal: “Quais são os desafios para você assumir e revelar sua orientação sexual?”, conforme redigidas pelo participante. Como é possível observar nestas afirmações, são diversos os desafios em relação a assumir e revelar a homossexualidade.

Quadro 1.*Quais são os desafios para você assumir e revelar sua orientação sexual?*

PARTICIPANTE	RESPOSTAS
Antonio	A pressão que a sociedade impõe à sexualidade e o medo da violência urbana
Bernardo	Situação minoritária, religião, expectativa da sociedade, medo de discriminação
Carlos	Medo de agressão e medo de ser expulso de casa
Daniel	Ter que mostrar à sociedade que é algo normal
Elton	Medo de sofrer agressões e perseguições / Preconceito – exclusão social / Expectativa social e frustração / Religião da família / Desconfortos em ambientes políticos e exposição – amigos heteros me expõem
Fabio	Para mim, os desafios são da própria sociedade. A princípio, achava que seria a família, mas após me deparar com pouca representatividade social, seja na política ou em outras áreas, percebi que o meio em que vivemos ainda não aceita. Aos poucos vai engolindo, mas ainda não aceita
Gael	Enfrentar o medo, o medo que leva a julgamento, que pode levar à solidão que leva a estigmas / Medo – solidão – julgamento e estigmas

Nota. Elaboração própria (2026).

De uma forma geral, percebeu-se que, entre os participantes, houve os que colocaram o foco do desafio em si, principalmente em relação a sentimentos de medo e frustrações (medo de sofrer violência urbana por ser homossexual, medo de sofrer agressão, discriminação, perseguição; medo de ser expulso de casa; medo da solidão, de ser julgado e sofrer com estigmas; sentimento de frustração frente às expectativas sociais), e os que o colocaram fora, no mundo social heteronormativo (lidar com sociedade que não aceita, tendo que mostrar que a homossexualidade é algo normal; situação minoritária, religiosidade da sociedade e da família, sociedade que não engole a homossexualidade).

Estes dois conjuntos de afirmações funcionaram como gatilhos e foram sendo aprofundados na discussão do grupo. Os conteúdos desta discussão foram organizados em duas categorias e três subcategorias, apresentadas no Quadro 2, e que serão analisadas mais detalhadamente a seguir. Cabe observar que a discussão realizada também absorveu as repostas referentes à segunda pergunta (“Como foi e como têm sido essas experiências para você? Com o que você se deparou e tem se deparado?”). Os depoimentos e respostas à segunda pergunta foram surgindo espontaneamente no Grupo Focal, e seu conteúdo foi incorporado às categorias construídas.

Quadro 2. Categorias e subcategorias

Categorias	Subcategorias
1. Desafios em lidar e enfrentar o medo de se perceber e se assumir homossexual para si e em diversos contextos sociais. 2. Existir e resistir: experiências e estratégias da revelação social.	1.1 Percepção da homossexualidade e expectativas sociais. 1.2 Desafios e medo no grupo familiar. 1.3 Desafio ao lidar com o preconceito de gênero dentro da comunidade LGBT.

Nota. Elaboração própria (2026).

CATEGORIA 1 – DESAFIO EM LIDAR E ENFRENTAR O MEDO DE SE PERCEBER E SE ASSUMIR HOMOSSEXUAL PARA SI E EM DIVERSOS CONTEXTOS SOCIAIS

O desafio de lidar e enfrentar o medo decorrente do preconceito, seja ele internalizado ou institucionalizado, surgiu com grande frequência nas narrativas e no processo de discussão grupal no que diz respeito à tomada de consciência e assunção da homossexualidade. Ao declararem seus desafios e narrarem suas experiências, os jovens contaram sobre como se sentem vulneráveis, a intensa vivência de medos, bem como ressaltaram algumas estratégias e mecanismos de proteção para lidarem com essas experiências e ameaças, situações essas que foram identificadas tanto no processo individual e psicológico como nos relacionamentos interpessoais travados nos diversos contextos sociais.

A subcategoria “Percepção da homossexualidade e expectativas sociais” refere-se ao fato de que o reconhecimento da orientação do desejo homoafetivo é considerado uma tarefa imprescindível no desenvolvimento psicossocial de jovens gays. Embora caiba lembrar que este reconhecimento e percepção tenha variado dos 8 aos 15 anos dos participantes (Tabela 1), todos os jovens referem que a percepção de que se sentiam diferentes de seus pares por conta de sua orientação sexual implicava em sentimentos ambíguos, medo da solidão e sofrimento psíquico. Gael, por exemplo, relata o quanto sentiu medo ao se perceber homossexual, sentimento esse apreendido pelo jovem em relação ao estigma e julgamentos sociais, bem como pelos julgamentos que fez em relação a si próprio, evidenciando a complexa e sistêmica relação entre os preconceitos internalizados e institucionalizados que atravessam a experiência de homossexuais jovens. Elton declara que quando começou a se perceber gay, sua vida virou um caos, sentia-se muito culpado e com medo que notassem sua homossexualidade, como pode-se observar nos relatos abaixo.

os desafios para mim foram, sei lá, primeiro foi o desafio pessoal... Tipo, é... Enfrentar o medo da solidão, dos estigmas e do julgamento. (Gael, 18 anos)

eu comecei a ver que eu me atraía muito por meninos, por homens e aí isso começou a se tornar um caos na minha vida... Uma coisa horrível, me causava muito sofrimento psíquico. (Elton, 22 anos)

A discussão em torno deste tema — Percepção da homossexualidade e expectativas sociais — foi se aprofundando na medida em que os jovens relataram a importância de serem aceitos e reconhecidos socialmente como homossexuais. Nesse sentido, lidar com as expectativas sociais atreladas à crença de uma heterossexualidade compulsória e naturalizada, apareceu como um importante estressor, na medida em que esses jovens relatam que se sentem desafiados a superar e a enfrentar diariamente, seja desconstruindo expectativas sobre si, seja para os outros.

Bernardo relata que se cobrava para se encaixar naquilo que a sociedade prescreve como ‘normal’ e ‘natural’ para um homem em sua idade, ou seja, cobravam uma namorada, e isso fazia com que se sentisse ameaçado e com medo de ser rejeitado por não corresponder às suas expectativas. Elton também revela que uma de suas maiores frustrações ao se entender homossexual foi que não conseguiria satisfazer os anseios de uma sociedade heteronormativa e que, especificamente, frustraria sua família, em especial, sua mãe.

expectativa da sociedade é um desafio... Porque também todo mundo começa a namorar, todo mundo espera e aí entra a família também... Então, essa expectativa sempre me cobrou muito, então aí eu me cobrava, eu tenho que me encaixar, eu tenho que me encaixar e esse era o meu maior medo. (Bernardo, 22 anos)

questão da expectativa que a sociedade tem e que a minha família tinha sobre mim e a frustração de chegar até a minha mãe e falar que ela não vai me ver com uma menina e isso para a sociedade também é muito frustrante. (Elton, 22 anos)

Foi consenso entre os jovens que existe, atualmente, maior visibilidade e representatividade social para a homossexualidade, sendo esse fator percebido como um aspecto protetivo e de apoio para assunção da identidade sexual, ajudando a construir estratégias internas e externas e facilitando o processo de autoaceitação. Elton trouxe para discutir no grupo como essa representatividade contribui para homens e mulheres gays se assumirem, bem como buscar maior apoio, estratégias e ferramentas para esse processo.

eu sinto que tem um movimento acontecendo, não sinto uma estagnação eu sinto um movimento e quando se fala de representatividade eu acho que isso ajuda o homem e a mulher gay ter uma consciência mais cedo do que é ... E ter ferramentas mais cedo do que é, de como agir, de como criar estratégias para si para se aceitar melhor. (Elton, 22 anos)

Esses jovens discutiram que a internet vem sendo um recurso de grande valia para obter esclarecimentos sobre a homossexualidade e para se reconhecer como tal, sendo que, nesse sentido, o livre acesso a informações na rede pôde ser percebido como elemento de apoio e proteção no que tange ao fortalecimento frente ao processo de assumir a homossexualidade e a autoaceitação. O jovem Gael aponta a internet como um recurso que promoveu grande mudança a jovens gays da atual geração, pois dissemina informações, ajuda a dar visibilidade à homossexualidade e afasta a solidão, tendo se beneficiado por essa experiência, como relata abaixo.

sei lá, eu preciso me conhecer, aí eu fui pesquisar entrei na internet eu pensei eu preciso me conhecer, aí o que que eu sou, será que eu sou gay? Aí eu coloquei lá na internet um questionário e deu sim, sim, sim [risos], aí sou gay e aí eu via isso como um problema, entrava e procurava na internet como se fosse um problema, tipo assim, como curar, só que depois eu fui descobrindo que não, que isso que não é problema, o problema está na sociedade e não em mim, e não no que eu sou... Fora que me ajudou muito quando me sentia sozinho. (Gael, 18 anos)

A partir do surgimento deste tema, os jovens passaram a discutir e refletir sobre como a internet tem sido um recurso de grande valia para obter esclarecimentos sobre a homossexualidade e para que o indivíduo se reconheça como tal, sendo que, nesse sentido, o livre acesso a informações sobre homossexualidade na rede digital e a possibilidade de encontrar pares pôde ser percebido como elemento de apoio no que tange ao fortalecimento frente ao processo de assumir a homossexualidade.

A Subcategoria “Desafios e medo no grupo familiar” reflete um dos principais desafios destacados pelos jovens homossexuais em assumir a homossexualidade para a família de origem, seja pelo medo das reações e atitudes dos familiares, seja pelo sentimento de culpa e de vergonha que os próprios jovens relataram sentir, revelando o quanto essa situação pode gerar problemas e crises na dinâmica e no relacionamento familiar, incluindo o medo de serem expulsos de casa.

meus medos eram mais relacionados à experiência com a minha família.... Ah sei lá, eu tinha mais medo da minha família me por pra fora, meu principal medo quando eu me assumi.
(Carlos, 22 anos)

Os jovens relataram que se sentiram constantemente ameaçados ou com medo de serem inquiridos, questionados e perseguidos pelos familiares, gerando muita pressão psicológica. Daniel contou que sofreu muito porque era constantemente questionado por seus genitores quanto à sua orientação sexual, sendo a pressão tão grande que o jovem “*sentiu-se obrigado*” a assumir, relatando que a relação estabelecida entre ele e os genitores era marcado pelo evitamento e medo. Fabio, em sua narrativa, descreveu que foi “*descoberto*” pela família e foi perseguido e pressionado até contar/assumir que era gay. Bernardo, o único jovem que ainda não se assumiu para sua família de origem, relatou no grupo a experiência de um primo que foi pressionado pela família a contar sobre sua homossexualidade e que, depois que contou, viu os pais de seu primo fazerem de sua vida um inferno, experiência essa que pode ter influenciado em sua decisão de não contar para sua família até o momento.

sofri muito, bastante na adolescência, com isso eu me assumi porque meus pais perguntaram, me pressionaram muito. (Daniel, 24 anos).

eu conversava com um menino um pouco mais velho do que eu, mas não muito, no MSN, mas enfim eu sempre apagava as conversas né.... Meu pai... Rato de internet, eu não sei, descobriu, pegou todas as conversas que eu havia apagado.... Aí ele imprimiu todas as conversas e aí me ligou... Não, minha mãe me ligou gritando no telefone, falando você é gay? E eu falei não... Eu pensei, isso não tá acontecendo... Enfim, ele foi lá em casa, jogou as conversas abertamente... Assim, eram conversas um pouco constrangedoras... Foi um turbilhão de coisas assim como eu fui descoberto, eu não precisei chegar e falar, mas ao mesmo tempo que eu fui pressionado, foi muito difícil! Eu falei ok, eu sou isso mesmo. (Fabio, 21 anos)

eu tenho um primo que é gay. Eles [a família] o colocaram contra a parede até ele contar e depois que o menino contou começaram a fazer da vida dele um inferno. (Bernardo, 22 anos)

A forma como o grupo familiar concebe a homossexualidade é determinante para o processo de assunção, segundo os participantes. Famílias com crenças religiosas que condenam a homossexualidade e famílias que concebem normas socializadoras de gênero muito rígidas

promovem um ambiente mais ameaçador, gerando muito medo e sofrimento. Bernardo contou que sua família de origem é extremamente católica, que relaciona homossexualidade a pecado e que essa característica familiar sempre foi um empecilho para sua assunção, pois gera muito medo e preocupação. Elton e Gael, ambos vindos de famílias evangélicas, cresceram ouvindo que ser gay era algo horrível, condenável e pecaminoso, além de serem questionados e repreendidos por terem um jeito muito afeminado.

Religião foi complicado porque eu venho de berço católico, família muito católica e sempre aquele medo, aquela preocupação, é pecado, é pecado, é pecado... E isso complicou minha vida, minha decisão em assumir. (Bernardo, 22 anos)

um desafio pessoal é que eu nasci numa família assim, eu ia com a minha vó desde pequeno numa igreja evangélica e aí eu sempre ouvia que ser gay é uma coisa errada... Que é uma coisa feia, que você vai queimar no inferno, esses discursos, sei lá, eu me sentia meio estranho com isso e o meu pai também. Desde criança eu já agia meio afeminado e o meu pai já ia me moldando e falando, tá errado, não senta desse jeito, não anda desse jeito, não fala desse jeito. (Gael, 18 anos)

Dos sete jovens participantes, apenas um trouxe uma experiência positiva quanto a assumir para a família de origem. No relato da experiência deste jovem, houve a discussão sobre como o fato de assumir para a família e ser aceito conferiu um fortalecimento de suas atitudes para lidar com o preconceito e a discriminação nas relações sociais mais amplas, ou seja, o apoio da família revelou-se como um aspecto protetivo, contribuindo para a autoaceitação e o desenvolvimento de estratégias de enfrentamento.

Assim a minha família sempre me aceitou bem, os meus amigos eu sempre tinha convivido com alguns que já tinham se assumido homossexuais, então assim que eles se assumiram eu já me senti seguro para falar também, e para minha família foi bem tranquilo ... Eu só tinha um pouco de medo de falar com o meu pai, por conta da família dele. ... Então por conta disso eu tinha medo de falar com ele, mas eu lembro que eu conversei com ele e com a minha mãe, e foi bem tranquilo, ele falou me que amava de qualquer jeito, então eu fiquei muito feliz com isso, então eu já tinha a base da família. (Antonio, 18 anos)

A terceira subcategoria refere-se a “Lidar com o preconceito de gênero dentro da comunidade LGBT”, sendo esse preconceito relacionado às *performances* de gênero. Foi

consenso na discussão do grupo que, quanto mais afeminados em relação à *performance* de gênero é um homem homossexual, mais suscetível ele é à discriminação e dificuldade de ser aceito na comunidade LGBT. Comentaram que, por vezes, falta empatia e acolhimento da comunidade e que ela reproduz preconceitos da sociedade heteronormativa, concluindo, na discussão, que quanto mais afeminado, maior a rejeição social dentro da própria comunidade, aspecto compreendidos pelos jovens como desafios a serem enfrentados.

eu acho que no universo gay como já citaram... Eu sentia muita dificuldade desde sempre... Os gays não se acolhem, não se reconhecem enquanto grupo ... Falta solidariedade, empatia. (Carlos, 22 anos).

uma coisa da sociedade que eu acho, não é só a sociedade hetero, podemos dizer no meio gay também é muito difícil, podemos dizer porque quando você é afeminado, por exemplo, você não é aceito nesta porcária deste meio. (Daniel, 24 anos)

Os jovens discutiram sobre o estigma em relação aos homossexuais afeminados na sociedade como um todo e na comunidade LGBT, que são chamados/apelidados de *poc-poc*⁵ por outros gays que não se consideram afeminados, desqualificando-os e associando-os claramente a *performances* de gênero ligadas ao feminino, revelando que a misoginia é um preconceito observado pelos jovens, oriundo da comunidade LGBT.

[...] é quase um xingamento... geralmente é assim, 'poc-poc' vai ser a bichinha mais nova... mas afeminada e mais... (Bernardo, 22 anos)

CATEGORIA 2 – EXISTIR E RESISTIR: EXPERIÊNCIAS E ESTRATÉGIAS DA REVELAÇÃO SOCIAL

Nesta segunda categoria, os jovens compartilharam experiências sensíveis e fundamentais sobre o processo de revelação social da homossexualidade e como percebem esse momento em suas trajetórias. Um sentimento que uniu as falas foi a constatação de que vivemos, hoje, um cenário de maior tolerância e representatividade, o que indubitavelmente acolhe e impulsiona o ato de se revelar. De modo geral, eles avaliam essa vivência

⁵ O termo *poc-poc* faz alusão ao barulho do sapato de salto alto utilizado por mulheres e, portanto, quanto mais afeminando, mais *poc-poc* é classificado o homossexual na comunidade LGBTI+.

contemporânea como positiva, embora tragam ponderações que revelam a complexidade do tema.

Gael, por exemplo, nutre uma visão bastante otimista e esperançosa: ele observa que a mídia e os meios de comunicação deixaram de retratar a pessoa homossexual sob lentes caricatas e estereotipadas, enxergando esse avanço estrutural como um dispositivo poderoso e encorajador para quem deseja se assumir. Bernardo, por outro lado, traz um contraponto cauteloso a essa perspectiva. Embora reconheça de forma clara essa importante mudança social apontada pelo colega, ele pondera e questiona se esse novo cenário, na prática dolorosa e íntima do cotidiano, realmente torna a jornada de se revelar menos difícil para quem a vivência.

eu acredito que tenha mudado para melhor, mas pela questão da representatividade, porque antigamente o gay... Era aquela coisa caricata, hoje não, você já vê filmes que instruem que dizem, sabe, sei lá, você vê séries, você vê, enfim, acho que a representatividade está ajudando os jovens gays a se assumirem e se revelar. (Gael, 18 anos)

Os jovens discutiram que a revelação é um importante dispositivo de visibilidade, que confere existência e resistência, contribuindo para combater o preconceito contra homossexuais. Além disso, foi identificada pelos jovens como um fator de bem-estar psicossocial, sendo qualificada como uma vivência positiva, libertadora, e sentida como importante elemento de desenvolvimento pessoal. Elton relata que sente a revelação social como um ato de existência, ou seja, revelar significa enfrentar o preconceito, resistir em uma sociedade que discrimina homossexuais. Bernardo e Daniel falaram sobre como é libertador revelar a homossexualidade, o quanto a revelação traz alívio e bem-estar.

desafio maior é existir nessa sociedade e depois resistir, assim, de você criar resistência, resistência para você mesmo para poder enfrentar todo o preconceito de tudo que tem na sociedade, e uma das formas é a gente se revelar. (Elton, 22 anos)

toda a hora falando assim, mas você não vai me oprimir mais, chega, chega, chega, é chato, apesar de ser libertador, é libertador, você conta, mas é chato você porque tem uma hora que você cansa... Mas é libertador falar. (Daniel, 24 anos)

Outro tema marcante no Grupo Focal foi o planejamento estratégico por trás da revelação da homossexualidade. Os jovens debateram como o impacto de assumir-se está

intimamente ligado ao momento e ao contexto escolhidos. Para eles, embora a revelação social seja um passo fundamental, a decisão exige um constante ‘cálculo de custo-benefício’. Agir por impulso ou sem o devido preparo, alertaram, pode desencadear situações dolorosas e complexas, especialmente dentro do núcleo familiar.

As vivências compartilhadas ilustraram perfeitamente esse delicado balanço. Carlos, por exemplo, relatou que, mesmo com medo e após ensaiar bastante, escolheu se abrir com a família na noite de Natal. O impacto da ocasião, no entanto, gerou conflitos e um triste afastamento nas relações em casa. Já a estratégia de Antonio é diária e mais seletiva: ele prefere compartilhar sua orientação de forma espontânea com pessoas por quem sente apreço e identificação, embora faça questão de sempre confirmar sua homossexualidade caso seja questionado diretamente.

Em contrapartida, Gael trouxe um relato profundamente comovente sobre o peso dessa exposição. Movido pela necessidade vital de ser autêntico com os pais, ele acabou sofrendo um rechaço extremo de ambos. A dor e o medo gerados por essa rejeição familiar o mergulharam em uma tristeza tão avassaladora que o levaram a cogitar o suicídio, evidenciando a extrema vulnerabilidade que permeia esse processo.

fiquei um bom tempo ensaiando, ensaiando, cheguei a chamar a minha mãe no meu quarto, chorando ... Falei sobre várias outras coisas e não falei sobre isso, várias tentativas... Não sei o quê, não sei o que lá... Aí eu falei no Natal, para acabar mesmo... Aí eu falei para minha mãe, você quer um presente ... Eu sou gay, foi assim mesmo, eu passei o Natal e o Ano Novo sem ninguém falar comigo, mas enfim, meus medos eram esses. (Carlos, 22 anos)

Na maioria das vezes eu me desafio mesmo, falar, nem tenho problema e não sinto necessidade de falar com todo mundo, só para pessoas que eu gosto, pessoas que as vezes perguntam... Sim, eu sou homossexual, mas é um negócio que não é normatizado para as pessoas, então acaba sendo muito difícil em algumas situações... Precisa pensar no impacto disso. (Antonio, 18 anos)

só que chegou na hora de falar para meus pais, só que eu não queria falar para eles, só que eu sentia essa necessidade porque eu ouvia vários relatos, ah eu contei para o meus pais ... Enfim, não foi nada planejado, enfim, só foi, aconteceu... Enfim, eu fui retaliado pelos dois, os dois não aceitaram... Eu me senti muito sozinho... Ahhh, mas eu prefiro ter um filho preso do que um filho gay, quando eu escutei isso eu fiquei... tchau mundo, eu fiquei muito triste. (Gael, 18 anos)

Ressalta-se que a revelação da homossexualidade para a família de origem foi a experiência que trouxe relatos de maior emoção no Grupo Focal e ocupou boa parte da discussão, sendo considerada por todos os jovens como o desafio mais importante. A maioria dos jovens relatou que sentiu muito medo e que ficou muito confusa na tomada de decisão de contar ou não sobre sua homossexualidade para os familiares. Porém, a revelação para a família trouxe sentimentos positivos de alívio para os jovens e relatos de melhoria de qualidade no relacionamento interpessoal. Um dos participantes, Elton, refere que, após revelar sua homossexualidade para a mãe, percebeu evidente melhora em sua saúde física e mental.

aí ela falou ahhh mas você não precisa se sentir culpado, ela me acolheu de uma forma tão incrível que eu chorava no colo dela e me sentia uma criança de 7 anos de idade, eu não conseguia falar nada assim, só chorava e eu não sabia o quanto eu precisava desta experiência ... E foi uma experiência incrível, minhas insônias diminuíram depois que eu falei, eu tive menos ansiedade, menos dificuldade para falar em público depois disso... Eu não tinha a consciência de quanto eu precisava daquilo... Que minha mãe reconhecesse que eu não tenho culpa de uma coisa que eu sou. (Elton, 22 anos)

Os relatos revelam que o processo de compreender e assumir a homossexualidade tem sido amparado por uma bem-vinda mudança cultural, impulsionada por maior representatividade social e acesso à informação, especialmente via internet. Contudo, revelar essa verdade íntima para a família de origem permanece como um desafio monumental, um dado que corrobora fortemente com a literatura da área (Nascimento & Scorsolini-Comim, 2018; Savin-Williams, 2016). Apesar de todas as tensões envolvidas, a pesquisa demonstra que dar esse passo e assumir a própria identidade atua como um amortecedor de estressores, promovendo qualidade de vida e um desenvolvimento pessoal muito mais positivo.

No entanto, o estudo também trouxe à luz um achado paradoxal e doloroso: o preconceito vivenciado dentro da própria comunidade LGBTI+. Em vez do acolhimento esperado, os jovens frequentemente encontram opressão entre seus pares. Esse fenômeno escancara como as rígidas normas de socialização de gênero estruturam nossa sociedade, evidenciando que jovens homossexuais com traços mais afeminados acabam sendo os maiores alvos desse preconceito intragrupo.

DISCUSSÃO

Os resultados indicam que a vulnerabilidade que permeia a percepção e a revelação social da homossexualidade é marcada, sobretudo, pelo medo e pelo peso do silenciamento. Para se protegerem e lidarem com essas dores, os jovens desenvolvem estratégias de enfrentamento que envolvem desde o delicado reconhecimento de si mesmos até a administração das expectativas sociais, o combate aos preconceitos (inclusive os da própria comunidade) e o complexo planejamento da revelação aos familiares.

Esse doloroso caminho de autoaceitação alinha-se a estudos que demonstram o quanto é gerador de sofrimento psicológico para o jovem se apropriar de uma orientação sexual dissidente, tornando-o extremamente vulnerável ao estresse. Como aponta Antunes (2016), o sentimento de medo transborda das relações interpessoais para a própria relação do jovem consigo mesmo. Imersos em uma socialização heteronormativa, eles precisam travar uma batalha solitária e desafiadora para desconstruir seus próprios preconceitos internalizados. Todo esse processo de reconhecimento identitário gera tensões profundas e, inevitavelmente, empurra esses jovens para situações de aguda vulnerabilidade psicossocial, confirmando os alertas trazidos por Savin-Williams (2016).

Cabe discutir que as evidências surgidas em relação aos desafios da assunção e revelação da homossexualidade corroboram os estudos Savin-Williams (2016), que descrevem que o processo é lento, consistindo em várias etapas e variando de acordo com o ritmo de vida cada indivíduo em seu contexto, fenômeno esse também percebido nas histórias de vida dos jovens. Pode-se entender que esses sofrimentos reforçam o que já vem sendo apontado em diversas pesquisas com esta temática, realizadas ao longo de anos, demonstrando que a tarefa de ‘sair do armário’ para si é um momento crucial para o homossexual jovem, processo muitas vezes solitário e repleto de sentimentos que podem afetar de forma negativa a percepção que o indivíduo tem de si, colocando em risco sua saúde mental (Braga et al., 2018; Freitas et al., 2017).

Depreende-se desta situação que homossexuais jovens necessitam revisar as expectativas em relação a si e a sociedade, e ajustar essas expectativas denota um caminho de autoaceitação. E, em decorrência deste processo, desenvolver essa aceitação em seus relacionamentos interpessoais, aspectos também retratados na pesquisa de Drescher (2014), que demonstra que empreender essas transformações constitui importante mecanismo de enfrentamento e proteção.

Foi consenso entre esses jovens que o maior desafio em relação à revelação social ocorre no contexto familiar, pois suas histórias corroboraram diversos estudos, tanto em âmbito nacional quanto internacional, que mostram o quanto a revelação da homossexualidade nas relações familiares é cercada de muitos tabus e desafios (Braga et al., 2018; Nascimento; Scorsolini-Comin, 2018).

A rejeição familiar após a revelação da homossexualidade é uma das experiências mais dolorosas para esses jovens, gerando um sofrimento psicológico intenso que pode perdurar por anos. Por isso, assumir-se para a família de origem desponta como um estressor monumental, permeado por um medo profundo. Como aponta Savin-Williams (2016), esse momento costuma ocorrer em um clima de extrema imprevisibilidade e alta carga emocional, deflagrando uma complexa revisão de vínculos: enquanto os pais podem relatar o choque de ‘não reconhecerem mais o filho’, o jovem é assombrado pelo pavor de não ser aceito e de colocar em risco suas relações mais valiosas. Essa dinâmica, segundo Nascimento e Scorsolini-Comin (2018), pode instaurar conflitos profundos e permanentes no seio familiar. Diante dessa aguda vulnerabilidade, muitos são impulsionados a buscar amparo e suporte em outras redes pessoais e sociais para dar conta de tamanha dor.

O peso dessa decisão torna-se ainda mais esmagador quando os jovens avaliam os contextos que dificultam a revelação em casa. Crenças religiosas enraizadas e padrões de gênero muito rígidos atuam como grandes paralisadores, gerando um medo que influencia diretamente a coragem de seguir em frente e compartilhar sua verdade. Esses dados evidenciam como a engrenagem heteronormativa, quando entrelaçada a estigmas religiosos e de gênero, sustenta um preconceito estrutural que eleva drasticamente o estresse e os desafios enfrentados por eles, confirmando as perspectivas de Savin-Williams (2016) e Defendi (2022).

Em um necessário e acolhedor contraponto, a pesquisa também ilumina o efeito imensamente protetivo da aceitação. Quando a família abraça essa revelação de forma positiva, ela constrói um escudo inestimável para a saúde mental desses jovens. O acolhimento familiar consolida uma base segura, permitindo que eles transitem pelo mundo e por suas relações sociais com muito mais confiança, pois sabem que contam com o amor e o apoio dentro da própria casa para lidar com os desafios de serem quem realmente são (Savin-Williams, 2016).

O sentir-se aceito e integrado à dinâmica familiar ao assumir a homossexualidade, traz importantes demandas e revela diversos aspectos estressores que necessitam ser equacionados pelos jovens e seus familiares. Mesmo com caráter imprevisível e cercado de medos e sofrimentos, esse processo também foi percebido pelos jovens como recurso protetivo,

principalmente quando existe um acolhimento e uma escuta, sendo percebido como fonte de estímulo e enfrentamento para superar os desafios de autoaceitação e revelação da homossexualidade. Esses dados também foram relatados na pesquisa de Silva et al. (2015), realizada com jovens brasileiros.

Outro desafio a ser discutido envolve a percepção dos jovens em relação ao preconceito, principalmente de gênero, originário da comunidade LGBTI+. Os jovens discutiram que homossexuais mais afeminados sofrem mais preconceitos, evidenciando um paradoxo sobre como um grupo, no caso, a comunidade LGBTI+, que supostamente deveria acolher homossexuais e lhes conferir apoio, também pode ferir e discriminar. Usualmente, os jovens homossexuais frente a seus desafios idealizam uma comunidade LGBTI+ acolhedora e livre de preconceitos, ou seja, uma espécie de ‘paraíso’, porém essas pessoas não estão apartadas da sociedade como um todo, na qual a prevalência de preconceito em relação a gênero ainda é muito forte.

O relato e a discussão sobre a discriminação dentro da própria comunidade LGBTI+ trazem à tona uma realidade dolorosa, mas profundamente documentada. Esse fenômeno corrobora os achados de Carmo e Cunha (2017), que já haviam observado essa dinâmica em seus estudos sobre os desafios de homens homossexuais. Como alerta Antunes (2016), ao investigar a homofobia internalizada, o heterossexismo e a misoginia infelizmente também habitam os espaços de sociabilidade gay. Nesse contexto, o homem gay afeminado é quem sofre o maior impacto desse preconceito intragrupo. Essa realidade escancara como as *performances* de gênero e as rígidas prescrições socioculturais sobre masculinidade e hegemonia (Maciel Júnior, 2013, 2022) continuam a oprimir e a aprofundar a vulnerabilidade psicossocial desses jovens, mesmo onde eles deveriam encontrar acolhimento.

Superar essas barreiras para revelar a homossexualidade e integrá-la genuinamente ao cotidiano exige enorme coragem. Embora reconheçam que a maior representatividade atual facilita esse caminho, os jovens pesquisados não romantizam o processo. Para eles, assumir-se transcende a busca íntima por autoaceitação; é um verdadeiro ato político. Essa atitude confere visibilidade e cria um ciclo de retroalimentação vital para o desenvolvimento psicológico e pessoal. De forma muito sensível, as falas evidenciam o quanto essa revelação cruza as fronteiras entre o mundo privado e o público, marcando e regulando a inserção social do indivíduo.

Contudo, como nos lembra Sedgwick (2007), sair do armário não é um evento único, mas uma negociação constante e para a vida toda. A cada nova experiência ou contato com um

novo grupo, o jovem se vê obrigado a refazer o delicado balanço entre os custos e os benefícios de compartilhar sua verdade. Ainda que essa avaliação contínua seja desafiadora e frequentemente permeada pelo medo, a conclusão do grupo é unânime: o ato de falar sobre quem se é carrega uma força profundamente libertadora. Ao romper o silêncio, eles abandonam o desgaste exaustivo da dissimulação e a vigilância constante para esconder sua orientação, encontrando um alívio fundamental contra o estresse que antes consumia suas vidas.

Esse ponto permite concluir o quanto os desafios e as demandas de jovens homossexuais masculinos quanto a assumir, revelar a homossexualidade, revestem-se de situações complexas em nível psicossocial, reforçando a necessidade de se conhecer as especificidades desse processo (Singh et al., 2015), pois, enquanto profissionais e pesquisadores no campo das ciências humanas, ampliar o conhecimento e aprimorar as intervenções junto a esse público pode conferir apoio e suporte mais qualificado e efetivo, levando em conta resultados de diversas pesquisas que focam essa temática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como foi visto pela narrativa dos participantes desta pesquisa, apesar de maior tolerância e aceitação social da homossexualidade, assumir e revelar a homossexualidade para jovens gays ainda trazem desafios importantes, sendo o sentimento de medo um denominador comum nas discussões empreendidas no Grupo Focal. O medo de assumir a homossexualidade, numa perspectiva pessoal, relacional e social e a construção de estratégias de enfrentamento ante o preconceito social e a homofobia em diversos contextos representam os principais desafios para jovens homossexuais masculinos.

Portanto, aceitar-se homossexual, lidar com medo de serem excluídos e rejeitados por não atenderem às expectativas sociais e familiares, preconceitos de gênero oriundos da comunidade LGBTI+, que discrimina jovens gays afeminados, e a revelação da homossexualidade para a família de origem foram os temas considerados desafiadores para esses jovens. Pode-se observar também que o assumir e o revelar vêm sendo beneficiados por maior representatividade da homossexualidade e por intermédio do acesso a informações e contatos via internet.

Os limites desta pesquisa podem ser observados pelo número de participantes, bem como por não introduzir outras categorias de análise interseccionais para a discussão, tais como raça, condições socioeconômicas, entre outras. Importante considerar que outro fator limitante

da pesquisa é a ausência de perspectivas de diferentes contextos socioculturais e outras identidades LGBTQIAPN+.

A pesquisa não teve o intento de produzir generalizações, porém visou contribuir com um recorte do problema e iluminar um aspecto de grande importância para profissionais da área de educação e saúde que atuam com temas relacionados a sexualidade, educação sexual e, principalmente, para orientação e apoio psicossocial a jovens homossexuais masculinos que experimentam desafios e vulnerabilidades específicas por conta de uma orientação sexual não-normativa. Os resultados da análise reforçam achados de outros estudos sobre desafio da revelação social, principalmente para familiares de jovens gays, incentivando a elaboração de ações em políticas públicas em saúde e educação que tratem desta temática.

Por fim, espera-se que esse estudo colabore para reforçar o protagonismo de jovens homossexuais, auferindo importância à escuta de suas experiências, seus desafios, de que forma constroem estratégias para existirem e resistirem frente ao mundo que os desqualifica e os discrimina. Espera-se que esse estudo possa estimular outras produções científicas sobre essa temática, considerando as condições culturais e sociais de um universo tão diversificado como o brasileiro, já que a produção nacional ainda é escassa nessa área.

REFERÊNCIAS

- Antunes, P. P. S. (2016). *Homofobia internalizada: O preconceito do homossexual contra si mesmo* [Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório PUC-SP. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/17142>
- Braga, I. F., Oliveira, W. A., Silva, J. L., Mello, F. C. M., & Silva, M. A. I. (2018). Violência familiar contra adolescentes e jovens gays e lésbicas: Um estudo qualitativo. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 71(Supl. 3), 1295–1303. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0307>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Carmo, J. A., & Cunha, A. G. (2017). As experiências de vida e os desafios de homossexuais brasileiros: Uma revisão sistemática. *Psicologia e Saúde em Debate*, 3(1), 141–157. <https://doi.org/10.22289/2446-922X.V3N1A10>
- Cerqueira, D., & Bueno, S. (Coords.). (2023). *Atlas da violência 2023*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. <https://doi.org/10.38116/riatlasdaviolencia2023>
- Cerqueira, D., & Bueno, S. (Coords.). (2025). *Atlas da violência 2025*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. <https://publicacoes.forumseguranca.org.br/handle/fbsp/276>
- Defendi, E. L. (2019). *Jovens homossexuais masculinos, internet e promoção de saúde: Desafios em assumir e revelar a orientação sexual* [Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. Repositório PUC-SP. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/22704>
- Defendi, E. L. (2021). A “saída do armário”. In S. V. Ciasca, A. Hercowitz, & A. Lopes Junior (Orgs.), *Saúde LGBTQIA+: Práticas de cuidado transdisciplinar* (pp. 121–126). Manole.
- Defendi, E. L. (2022). Os estudos críticos das masculinidades e seus reflexos na produção de conhecimento e na prática da psicologia clínica. In R. M. Souza, P. A. Maciel Júnior, & E. L. Defendi (Orgs.), *Ensaio sobre masculinidades na atualidade* (pp. 21–36). EDUC.
- Defendi, E. L. (2022). Ser um jovem gay afeminado na comunidade LGBT. In R. M. Souza, P. A. Maciel Júnior, & E. L. Defendi (Orgs.), *Ensaio sobre masculinidades na atualidade* (pp. 65–76). EDUC.
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2006). A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Orgs.), *O planejamento da pesquisa qualitativa: Teorias e abordagens* (S. R. Netz, Trad.; 2ª ed., pp. 15–41). Artmed.
- Drescher, J. (2014). O que tem em seu armário? In P. Levounis, J. Drescher, & M. E. Barber (Orgs.), *O livro dos casos clínicos GLBT* (G. W. Linck, Trad.; pp. 21–34). Artmed.

- Freitas, D. F., Coimbra, S., & Fontaine, A. M. (2017). Resilience in LGB youths: A systematic review of protection mechanisms. *Paidéia*, 27(66), 69–79. <https://doi.org/10.1590/1982-43272766201709>
- Guittar, N. A. (2014). *Coming out: The new dynamics*. First Forum Press.
- Maciel Júnior, P. A. (2013). *Tornar-se homem: Projetos masculinos na perspectiva do gênero*. Livre Expressão.
- Maciel Júnior, P. A. (2022). Os estudos críticos das masculinidades e seus reflexos na produção de conhecimento e na prática da psicologia clínica. In R. M. Souza, P. A. Maciel Júnior, & E. L. Defendi (Orgs.), *Ensaio sobre masculinidades na atualidade* (pp. 21–36). EDUC.
- Moura, L. W. F., Rocha, A. S., Cunha, A. M. S., Rodrigues, J. S., & Trajano, J. M. S. (2023). Violência doméstica e população LGBTQ+: Uma revisão integrativa. *Psicologia e Saúde em Debate*, 9(1), 440–455. <https://doi.org/10.22289/2446-922X.V9N1A29>
- Nascimento, G. C. M., & Scorsolini-Comin, F. (2018). A revelação da homossexualidade na família: Revisão integrativa da literatura científica. *Temas em Psicologia*, 26(3), 1527–1541. <https://doi.org/10.9788/TP2018.3-14Pt>
- Nunan, A. (2010). Preconceito internalizado e comportamento sexual de risco em homossexuais masculinos. *Psicologia Argumento*, 28(62), 247–259.
- Quinalha, R., Ramos, E., & Bahia, A. M. F. (Orgs.). (2024). *Direitos LGBTQI+ no Brasil: Novos rumos da proteção jurídica*. Edições Sesc São Paulo.
- Savin-Williams, R. C. (2016). *Becoming who I am: Young men on being gay*. Harvard University Press. <https://doi.org/10.4159/9780674974586>
- Sedgwick, E. K. (2007). A epistemologia do armário (P. Dentzien, Trad.). *Cadernos Pagu*, (28), 47–67. <https://doi.org/10.1590/S0104-83332007000100003>
- Silva, M. M. L., Frutuoso, J. F. F., Feijó, M. R., Valeio, N. I., & Chaves, U. H. (2015). Família e orientação sexual: Dificuldades na aceitação da homossexualidade masculina. *Temas em Psicologia*, 23(3), 677–692. <https://doi.org/10.9788/TP2015.3.12>
- Singh, A. A., Moss, L., Mingo, T., & Eaker, R. (2015). *LGBTQQ students and safe schools: A call for innovation and progress*. American Psychological Association.
- Souza, M. S., & Defendi, E. L. (2021). A internet como recurso de promoção de saúde a jovens e adolescentes LGBTQs. In R. M. S. Macedo & T. E. C. R. Macedo (Orgs.), *Con-vivendo com a adolescência nos dias atuais* (pp. 55–70). CRV.
- Trevisan, J. S. (2018). *Devassos no paraíso: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade* (4ª ed. rev. ampl.). Record.
- Vasconcelos, N. M., Alves, F. T. A., Andrade, G. N., Pinto, I. V., Soares Filho, A. M., Pereira, C. A., & Malta, D. C. (2023). Violência contra pessoas LGBTQ+ no Brasil: Análise da

Pesquisa Nacional de Saúde 2019. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 26(Suppl. 1), e230005.supl.1. <https://doi.org/10.1590/1980-549720230005.supl.1.1>

CRedit Author Statement

- ☐ **Reconhecimentos:** Agradecimentos a todas/os as/os docentes do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
 - ☐ **Financiamento:** O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. Processo nº 88887.148019/2017-00.
 - ☐ **Conflitos de interesse:** Não se aplica.
 - ☐ **Aprovação ética:** Projeto de pesquisa aprovado pelo Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Parecer Consubstanciado n.º 2.626.043 de 27 de abril de 2018. CAAE nº 86084818.8.0000.5482.
 - ☐ **Disponibilidade de dados e material:** Disponível no acervo/biblioteca digital da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
 - ☐ **Contribuições dos autores:** ELD foi o idealizador do estudo, redigiu e editou o texto, coletou e analisou os dados, descreveu os resultados e discussão, empreendeu as buscas do referencial teórico. RMS orientou e supervisionou todas as etapas da pesquisa, revisou e contribui para organizar resultados e discussão.
-

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação
Revisão, formatação, normalização e tradução

